

SCHAFF, A. A SOCIEDADE INFORMÁTICA. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Por Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo*

A projeção começa ...o filme é *Metrópolis*, o mais importante trabalho do expressionismo alemão, do cineasta Fritz Lang. Através de uma linguagem simbólica, a obra satiriza os costumes nazistas. Na primeira cena do filme, vemos uma cidade do futuro (por volta do ano 2.000): viadutos gigantescos, aviões cruzam o céu, prédios que vão além das núvens, carros velozmente vencem distâncias - é o símbolo do futuro.

Segunda cena: nos subterrâneos desta cidade/ficção os trabalhadores marcham ordeiramente para mais um turno de trabalho na fábrica; a postura é de obediência passiva à toda autoridade - são as caldeiras do progresso, a força motriz do desenvolvimento.

É óbvio que Lang, através de sua obra ficcional, *Metrópolis*, nos convida a refletir sobre o modelo vigente da sociedade alemã pré-nazista, provocando a discussão da organização social e seu modo de produção, ou quem sabe se Lang quer nos dizer: é a máquina, nesta sociedade, que está tomando o lugar do homem comum (do trabalhador em linguagem de hoje) que sofre injustamente, e muitas vezes sequer compreende sua tragédia econômico/social/política/cultural.

Cabe esta introdução e um paralelo entre a obra de arte - *Metrópolis* - e a obra filosófica - "*A Sociedade Informática*" - de Adam Schaff exatamente por que em ambas a ficção marca a abordagem crítica do futuro que a humanidade está construindo, em nosso trabalho pretendemos partir desta idéia de ficção.

* Professor, aluno do Curso de Especialização em Ensino de Arte -Departamento de Artes. CCHLA/UFRN

Ficção entendida em seu caráter de elemento reorganizador (reelaborador) da realidade. Penso que por isso mesmo a ficcionalidade termina por apontar para a crítica das idéias representadas, ou seja, ao reelaborar os elementos que constituem a estrutura da obra - de arte, filosófica ou científica - faz, no processo ficcional, passar pelo crivo da crítica os conteúdos da experiência. Desta forma, a ficcionalidade propõe um diálogo com o "leitor" e por isso mesmo surge a possibilidade de se organizar o salto de qualidade; uma nova síntese mais significativa pois traduz a reorganização da realidade a partir da ficção no plano do sujeito subjetivo que se constrói através da história coletiva e da história individual, rompendo com o conceito metafísico de indivíduo como propõe Schaff.

O autor de "A Sociedade Informática" de alguma forma convida o leitor para discutir o futuro da humanidade através da ficção de uma maneira antedogmática, antelinear na medida em que provoca no leitor a discussão e o aprofundamento das contradições de uma nova sociedade que se automatiza e enriquece, mas por outro lado busca desenfreadamente o sentido da vida, da existência humana: De onde viemos? Para onde vamos? Que futuro podemos verdadeiramente construir?

Schaff adverte que a mudança (hoje) no mundo não é apenas tecnológica como apregoam os novos tecnocratas, mas abrange todas as esferas da vida social, o modo de produção, os serviços, as ideologias "com seus sistemas de valores" como coloca muito bem Alexander King no prefácio da obra em questão: "os problemas da sociedade contemporânea constituem um emaranhado tal de questões interagentes que não podem ser enfrentadas e resolvidas de forma singular e isolada". O que quer dizer, a Segunda Revolução Industrial, marcada pela tríade - microeletrônica, microbiologia e energia nuclear - veio alterar significativamente a estrutura histórico-social da humanidade, o que provocará uma mudança profunda nos sistemas políticos, nos sistemas sociais e nos sistemas educacionais, tanto nos países capitalistas quanto nos países marxistas.

Neste sentido, Schaff destaca que com o desaparecimento das estruturas de classe - como existe atualmente - provavelmente surjam novos tipos de estratificação social: entre os que sabem e os que não sabem, o que vem alterar as estruturas de poder, pois novas alianças surgirão entre cientistas militares e governos.

Penso que esta obra traz em seu bojo, principalmente, a questão do significado social do progresso, suas conseqüências e as novas possibilidades de organização que surgirão a partir daí.

Desta maneira, é importante considerar que nenhum educador comprometido com as transformações da sociedade pode se eximir desta reflexão crítica que em síntese deve forjar o desenvolvimento de uma consciência crítica e criativa sobre a ciência e expansão tecnológica ocidental e sua identificação com o ideário burguês.

Uma nova identidade, propõe Schaff, deve ser compreendida e construída como identidade humana para além do ideário burguês. E, desta forma, o processo educacional mais crítico e criativo desempenha papel fundamental na formação dos novos corações e mentes - as novas gerações - na perspectiva de construção do futuro da própria humanidade na nascente sociedade informática - realidade experimentada atualmente por pequenos grupos hegemônicos da sociedade e estranhamente por uma enorme faixa da humanidade, embora de pontos de vista diversos. Quem possui poder técnico-científico manipula a maioria da população que ordeiramente, como no filme de Lang, *Metrópolis*, habita o subterrâneo das grandes cidades - da educação, da ciência, da tecnologia, da cultura - não tendo meios, portanto, de realizar a contra-revolução.

No entanto, os que por brechas do sistema possam realizar a contra-revolução devem o quanto antes promover o debate, a crítica da sociedade informática, tentando preservar de alguma forma nosso próprio futuro, o futuro da humanidade.

Nesta linha de abordagem, podemos dizer que a obra, "A Sociedade Informática" é uma espécie de metáfora destes novos tempos e apesar do autor colocar que analisa apenas o primeiro mundo, inferimos, por suas colocações, o futuro: no medo e na angústia da contradição de toda sorte de injustiças que ronda os bolsões de pobreza do chamado 3º mundo. Pois, é no 3º mundo que hoje assistimos ao desenvolvimento crescentê e acrítico de novas religiões, quando o que era de se esperar com os avanços científicos era o ostracismo da fé religiosa, pelo menos no sentido mais ingênuo de "ópio do povo", como diz Marx..

Por todo exposto, a obra "A Sociedade Informática", de Adam Schaff, deve ser leitura obrigatória para todo educador que queira realizar a passagem entre o senso-comum à consciência filosófica.